



QUESTÃO INDÍGENA

Força-tarefa federal intensifica ação para asfixiar a extração de ouro na reserva ianomâmi, com destruição de aeronaves, tratores e dragas utilizados pelos garimpeiros. Fiscalização encontra acampamento próximo de aldeia de indígenas isolados

Ibama queima aviões do garimpo ilegal

» HENRIQUE LESSA

Ação da força-tarefa do governo federal contra o garimpo na Terra Indígena Yanomami, em Roraima, entrou na terceira fase, com a destruição de aviões, helicópteros dragas e equipamentos usados na extração ilegal de ouro. Em um voo de reconhecimento feito por agentes do Ibama, foi observada a presença de um acampamento de garimpeiros a menos de 15km de uma comunidade indígena isolada. A aldeia Moxihatetéa, que vive sem nenhum contato com o mundo externo, é monitorada desde 2010 pela Funai.

Com o registro de ao menos 114 comunidades de indígenas isolados no Brasil, quase todas na Amazônia legal, o processo de reconhecimento, cadastro e monitoração desses grupos é regularmente realizado pela Funai. Como esses povos não têm contato com o exterior, acabam sendo mais suscetíveis a doenças trazidas de fora, como ressaltou, em nota, a ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara. "É importante que os garimpeiros saiam logo dali. A presença deles traz um risco fatal aos isolados, por isso, aqueles que se recusarem a sair devem ser presos pela operação", apontou a ministra.

A operação de liberação do território ianomâmi do garimpo não é responsável por essa proximidade com os isolados, disse ao *Correio* o presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Rodrigo Agostinho. Segundo ele, a crise humanitária dos ianomamis é atribuída ao sucateamento da fiscalização dos órgãos ambientais nos últimos quatro anos, que teria possibilitado a explosão do garimpo, a contaminação dos rios e a escalação dos casos de malária que, apenas no período, somam mais 70 mil registros.



Agentes do Ibama observam a destruição de um trator usado pelo garimpo ilegal na Terra Indígena Yanomami. A extração de ouro já se aproxima de uma comunidade isolada

IBAMA de Roraima/Divulgação



Helicóptero também foi queimado pela força-tarefa que atua em Roraima

Terceira fase

A força-tarefa para expulsão dos garimpeiros da terra indígena ainda está longe de concluir sua missão, apontou Agostinho. Segundo ele, a enorme dimensão da região, com mais de 9 milhões de hectares, é uma das maiores dificuldades dos órgãos públicos. "Tem uma logística muito complicada", pondera ele. Especialistas apontam que pode levar até seis meses para que a desocupação seja concluída.

Agostinho destaca que, na última sexta-feira, a operação entrou na terceira fase. Com o auxílio da Polícia Federal (PF), os agentes do Ibama iniciaram a destruição de máquinas e equipamentos deixados para trás pelos garimpeiros.

Na primeira fase, foi feito o

bloqueio da logística dos garimpeiros, com interrupção do fornecimento de combustível usado pelas balsas que dragam o leito dos rios na busca pelo ouro. "Para tocar todas essas dragas é muito combustível que entra dentro da reserva", atesta Agostinho. Outra estratégia foi impedir o envio de alimentos para os pontos de garimpo, assim, com a falta de mantimentos e combustível, boa parte dos envolvidos optou por deixar o local.

Na segunda fase foram montados bloqueios em pontos estratégicos dos rios que cortam a região para impedir o retorno de embarcações com garimpeiros ou mantimentos. Os barcos vazios seguiram autorizados a entrar na reserva, mas, na saída, todos os ocupantes são revistados e identificados. "A nossa barreira

não é para impedir a saída deles, e, sim, para que eles não voltem."

Agostinho diz que tem sido constante a apreensão de armas e munição nessas revistas. "Em quase todas as embarcações nós estamos encontrando armamentos. Essas pessoas são cadastradas e o armamento remetido às autoridades policiais", disse o presidente do Ibama.

Para Rodrigo Agostinho, a operação foi pensada para evitar confrontos entre garimpeiros e agentes das forças federais de segurança ou com indígenas, mas, terminada a desocupação da área, as buscas vão prosseguir. Aquelas que resistirem em permanecer no território devem ser presos, alerta. "O que a gente está querendo é que eles saiam. Agora, a gente está percebendo que estão presentes cada vez mais nos pontos isolados."

CARNAVAL

Foliões lotam as ruas do país a uma semana do feriadão

» RAFAELA GONÇALVES

Depois de dois anos sem carnaval, por causa das restrições da pandemia de covid-19, as ruas das capitais brasileiras foram tomadas por foliões fantasiados para curtir o reino de Momo, aberto uma semana antes do feriado oficial. O Rio de Janeiro recebeu, ontem, dois megablocos. A rua Primeiro de Março, no centro, foi tomada pelo Chora Me Liga. Uma multidão madrugou para curtir o cortejo de temática sertaneja, que começou a se concentrar às sete da matina. No desfile, o público estimado superou 100 mil pessoas. Hoje, é esperada a mesma quantidade de foliões para o Carrossel de Emoções, que ocupará o centro da capital fluminense.

Também estão previstas apresentações e cortejos de blocos



históricos da folia carioca. O bairro de Santa Tereza recebeu o Céu na Terra, enquanto em Ipanema o Simpatia é Quase Amor dominou a orla. Hoje, os foliões devem se concentrar no centro para o Coração do Boitatá, e no Jardim Botânico, no Suvaco do Cristo. Há ainda apresentações de coletivos que fazem sucesso pelo repertório temático, como o Fogo e Paixão e o infantil Gigantes da Lira, em Laranjeiras.

Em São Paulo, o primeiro fim de semana do carnaval de rua oficial foi mais agitado de fevereiro. Cerca de 180 desfiles estavam previstos para ontem e hoje, reunindo alguns dos blocos mais conhecidos da cidade, como Acadêmicos do Baixo Augusta, Rita Leena (em homenagem à diva do rock Rita Lee) e Confraria do Pasmado. Cortejos liderados por artistas de popularidade nacional



Alceu Valença comanda a animação do Bicho Maluco Beleza, em SP

também reuniram milhares de foliões, como o Modo Surto, da cantora Luisa Sonza, e o Bicho Maluco Beleza, de Alceu Valença. Mesmo com o tempo nublado, famosos marcaram presença nos bloquinhos na capital paulista com figurinos que chamaram atenção. A modelo Gianne Albertoni foi destaque do desfile do Bloco da Favorita, na região de Santo Amaro, usando uma

peruca cor de rosa e um vestido esvoaçante. Outro bloco que fez bastante sucesso foi o Casa Comigo, em Pinheiros. Quem esteve por lá foi a apresentadora Rafa Brites, que apostou em uma tiara cheia de flores.

Rainha do bloco Acadêmicos do Baixo Augusta, que desfila hoje, a atriz Alessandra Negrini declarou seu amor pelo carnaval nas redes sociais. "São nas festas

populares que a gente se reconhece como coletividade, como povo e reafirma essa identidade", disse. O bloco contará com apresentações do grupo baiano Olodum, ao lado de Marina Sena, Tulipa Ruiz e Céu. Gal Costa, que morreu em novembro do ano passado, será homenageada pela atriz Sophie Charlotte, que interpretou a cantora no filme *Gal Fatais*.

Em Belo Horizonte, mais de 100 blocos desfilam neste fim de semana. A prefeitura espera o maior carnaval da história da cidade, com 5 milhões de foliões em quase 500 blocos. Destaque para o Jângalove, Pablo Vittar. Recife e Olinda também concentram milhares de brincantes ao som do frevo e do maracatu. Mais de 50 blocos ocupam as ruas das duas cidades desde sexta-feira.



Som dos clarins embala as sombrinhas do frevo na histórica Olinda